

A BUSCA DO BELO EM SI ATRAVÉS DE BELOS CORPOS:



SÓCRATES E A ARTE ERÓTICA. IFCH – DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA. PIBIC/CNPq



Nayara Dias Scrimim
(gaiadinaya@hotmail.com)

Alcides Hector Rodriguez Benoit
(hbenoit@uol.com.br)

Palavras-chave: Sócrates - Dialética Erótica - *Eidos*

INTRODUÇÃO

Em busca da Idéia de Belo em si, Sócrates parte do sensível – conquistando belos jovens – para alcançar o inteligível. Após analisarmos os diálogos de Platão em que Sócrates faz uso da dialética erótica, para dar continuidade à pesquisa anterior, a saber: “Sócrates e a Sedução de Belos Jovens”, analisaremos o texto de um autor contemporâneo de Sócrates: Aristófanes. Pois, como se sabe o livro *As nuvens* de Aristófanes, muito provavelmente influenciou no julgamento e na condenação de Sócrates. Traçando um Sócrates que através da dialética, estimulava a trapaça e seduzia a juventude, que rebaixava os deuses gregos em prol do *logos*, que não era apegado às coisas de natureza sensível e que, por isso, viveu em busca de um ideal superior da vida, menosprezando-a. O nosso objetivo foi o de investigar se Sócrates, a partir dessas diversas fontes, se comportava como um corruptor da juventude ou se foi um mártir da filosofia.

Se pensarmos em Aristófanes como um testemunho histórico biógrafo de Sócrates, acabaríamos por empobrecer o gênio criativo do poeta e mal entender o seu poder de realizar paródias e caricaturas. Antes, nos cabe refletir sobre o papel que Aristófanes concedeu a Sócrates em sua peça ou, mais precisamente – em que

medida Sócrates serviu aos objetivos centrais de sua crítica. Devemos também considerar, que o comediógrafo ao lado de Platão, foi o autor do qual Nietzsche mais se valeu para tecer a imagem de Sócrates.

Na pesquisa anterior: “Sócrates e a Sedução de Belos Jovens”, pesquisamos em alguns diálogos de Platão, a saber: *Banquete*, *Lísis*, *Alcibiades I*, *Cármides* e *Teeteto*, procurando evidências na imagem de Sócrates interpretado por Platão, no assunto que nos diz respeito: se Sócrates por meio de sua dialética seduzia e encantava os belos jovens a fim de corrompê-los. Na presente pesquisa, procuramos delinear o perfil do Sócrates escrito por Aristófanes. E, pretendemos continuar investigando em Xenofonte e novamente em Platão a fim de encontrar uma resposta para a nossa questão.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, pois a mesma oferece meios que auxiliam na definição e resolução dos problemas já conhecidos. Consultamos várias literaturas relativas ao assunto que possibilitaram que esse trabalho fosse bem fundamentado.

Com esse projeto de pesquisa, continuaremos a procurar evidências de Sócrates ser ou não um sedutor de jovens, e se, isso pode ter influenciado na condenação de Sócrates, além de buscar compreender quais foram os motivos pelos quais Sócrates foi acusado de corromper a juventude ateniense, nos utilizando de uma fonte distinta de Platão. Isso porque, como é sabido, Sócrates nada escreveu e que sobre ele e suas ideias restam-nos diversas imagens construídas por diferentes pensadores da antiguidade e a apreensão da dimensão histórica destas imagens não é possível. Segundo Vilhena, de Sócrates dispomos apenas de um conjunto de imagens, percebidas por homens com objetivos diferentes, atrelados a distintas tradições de pensamento.

Nesta pesquisa, pretendemos encontrar o que há de comum em nosso objeto de estudo (Sócrates) apesar dos desacordos entre as fontes, entendemos que um testemunho completa o outro, portanto, por mais que haja esta divisão, ao longo das discussões propostas neste trabalho estas fontes inevitavelmente se encontrarão e permitirão uma análise conjunta.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Em *As Nuvens*, encontramos a figura de Sócrates grosseiramente caricaturada com o intuito de fazer rir as platéias que assistissem à peça. O Sócrates de Aristófanes ensinava em uma casa chamada Phrontistérion (Pensatório), aparecendo como um intelectual afastado do convívio social, descrente dos deuses, mestre de uma espécie de “seita” e talentoso na arte da argumentação.

Se Sócrates é acusado como antagônico ao método tradicional de ensino, então poderíamos de dizer que ele como mestre de jovens usa desses novos costumes com seus discípulos, e então nossa conclusão da pesquisa anterior ficaria ainda mais reforçada, pois como vimos nos diálogos *Lísis*, *Alcibiades* e *Cármides*, o filósofo seduzia os jovens através de sua ardilosa dialética.

Devemos considerar que a comédia foi escrita em 423 a. C, e diante da nossa leitura dos textos de Platão da pesquisa anterior, depois da Batalha de Potidéia e antes do reencontro de Sócrates com Alcibiades no Banquete de Agatão. Ou seja, numa fase em que Sócrates ainda estava cheio de si, pois conquistara seu primeiro saber positivo em 432, no diálogo com Alcibiades, e que, portanto, talvez Aristófanes tenha convivido no auge da sabedoria Sócrates.

Ao compararmos o modo de vida austero do Sócrates de Platão, esse Sócrates nos parece mais próximo ao do *logos* justo, apesar de sua crença em relação aos deuses. Pois ele afirma que Zeus não existe e quem reina em seu lugar é o Turbilhão do éter, enquanto que o papel das *Nuven*s para os filósofos e retóricos parece ser o mesmo das *Musas* para os poetas. Aristófanes fala de coisas justas, mas, como o *logos* injusto, ele exorta para uma vida de prazeres carniais.

Pode-se dizer que o Sócrates de Aristófanes também é produto desta época em que há grande conflito de pensamentos: a educação tradicional e versus a nova educação; por um lado as velhas concepções teológicas e por outro as pesquisas sobre a *arché* de todas as coisas da *physis*. A figura de Sócrates apresentada por Aristófanes é a do filósofo preocupado com o estudo da natureza, matemática, aquele que aparece no *Fédon* de Platão.

Ao invocar as *Nuven*s, como novas divindades, percebemos claramente a acusação feita contra Sócrates em seu julgamento: “não preitear os deuses que cultua o Estado” (XENOFONTE, 1999, pg. 59), e ainda podemos observar através das atitudes de Fidípides (de se sentir atraído pelo *logos* injusto e usar desse *logos* para voltar-se contra o próprio pai) a acusação que o filósofo era “culpado ainda de corromper os jovens”. (IDEM.).

Para Aristófanes, Sócrates seria um corruptor da mocidade, falso sábio e destruidor dos valores tidos como tradicionais. O filósofo faz referência ao texto de Aristófanes em seu julgamento: “de tudo, o que tem menos sentido é não se poderem dizer nem saber os seus nomes, salvo quando se trata, porventura, de um autor de comédias”. (PLATÃO, 1987, pg. 34; 18d).

Como vimos, uma das grandes dificuldades em se definir Sócrates, seria a grande diferença entre as fontes existentes. Isso porque, os textos de Platão quando lidos sob a luz da



lexis, podem nos mostrar a tortuosa trajetória de Sócrates em busca de seu grande objetivo: as Idéias em si. Porém, ao comparar com o texto de Aristófanes, nos deparamos como um homem, por vezes completamente diferente do de Platão. Continuaremos a investigar esse tema agora em outro contemporâneo de Sócrates: Xenofonte.

Devemos considerar a grande dificuldade de nos referirmos a Sócrates, pois ele é sem dúvida, símbolo,

podendo assumir significados variados: para alguns Sócrates era um homem seguidor dos seus princípios, enquanto que para outros, o filósofo era corruptor da mocidade ateniense. Como nos destaca Benoit “conhecer Sócrates somente por Aristófanes seria como avaliá-lo por aqueles que o condenaram a morte”. (BENOIT. 1996, p. 29).